

## O DESENHO COMO INSTRUMENTO PARA DIAGNÓSTICOS PSICOPEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Candida Cristina Bertão<sup>1</sup>  
Fabiane Fantacholi Guimarães<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo abordará o desenho infantil como instrumento que auxilia o diagnóstico psicopedagógico. Será realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, que buscará compreender de que forma a análise do desenho pode auxiliar no diagnóstico psicopedagógico. Busca-se caracterizar e diferenciar a psicopedagogia clínica da institucional, a fim de reconhecer as competências de cada uma dessas áreas. Em seguida, são apresentadas as etapas que o desenho infantil percorre e suas características e, por fim, explica-se de que maneira o desenho pode ser utilizado para auxiliar o diagnóstico de crianças com dificuldades de aprendizagem. O artigo enfoca a temática do desenho infantil e se é possível utilizar-se deste recurso para amenizar problemas e dificuldades dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, tentando expor de maneira compreensível como analisar e quais os aspectos relevantes do desenho como recurso psicopedagógico.

**Palavras-chave:** Desenho Infantil. Dificuldade de Aprendizagem. Psicopedagogia.

## DRAWING AS AN INSTRUMENT FOR PSYCHOPEDAGOGICAL DIAGNOSES IN CHILD EDUCATION

### ABSTRACT

This article will deal with children's design as an instrument that helps psychopedagogical diagnosis. An exploratory bibliographical research will be carried out, which will seek to understand how the analysis of the design can aid in the psychopedagogical diagnosis. The aim is to characterize and differentiate between clinical and institutional psychopedagogy in order to recognize the competences of each of these areas. Then, the steps that the children's drawing goes through and their characteristics are presented, and finally, it is explained how the drawing can be used to help the diagnosis of children with learning difficulties. The article focuses on the theme of children's drawing and whether it is possible to use this resource to alleviate problems and difficulties of the students in the teaching-learning process, trying to explain in an understandable way how to analyze and what the relevant aspects of drawing as a psycho-pedagogical resource.

**Keywords:** Child's Drawing. Learning Difficulty. Psychopedagogy.

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pela Unicentro (2014) e Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional da Unicesumar (2015)..

<sup>2</sup> Professora-Orientadora. Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia (CESUMAR – 2009), Especialista em Psicopedagogia Institucional (Instituto Paranaense de Ensino – MARINGÁ – 2011), Educação Especial (pela mesma instituição 2012), EAD e as Tecnologias Educacionais (UNICESUMAR – 2014) e em Docência no Ensino Superior (pela mesma instituição 2015). Mestranda em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias (UNOPAR)..

## INTRODUÇÃO

A psicopedagogia busca solucionar as dificuldades de aprendizagem. Sabe-se que não é um trabalho fácil, tendo em vista as causas que desencadeiam certos distúrbios na aprendizagem, que nem sempre são problemas cognitivos do aluno. Tais dificuldades podem ser causadas por diversos fatores, como família, amigos, professores, sociedade. Mas como o psicopedagogo poderá entender qual a causa das disfunções do aluno? Pensando nisso será apresentado o desenho como ferramenta no auxílio de diagnóstico das dificuldades de aprendizagem.

Primeiramente, será caracterizado e diferenciado o trabalho do psicopedagogo clínico do institucional, quais as competências e especificidades de cada profissional. Entretanto, entende-se que o recurso do desenho pode ser utilizado pelos dois.

Em seguida, serão apresentadas quais as etapas e características do desenho infantil, desde que a criança aprende a segurar o lápis e começa a rabiscar até seus desenhos mais elaborados, explicando quais os processos pelos quais ela passa até concluir o desenho, e quais os fatores que devem ser levados em consideração durante este processo.

Por fim, será explicado de que forma o desenho poderá ser utilizado para diagnosticar dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil, mostrando como deve ser feita essa análise do processo de desenvolvimento do desenho. Sabe-se que nenhum desenho pode ser utilizado sem ser contextualizado, orientado e acompanhado. O desenho por si só não traz nenhuma informação sobre o aluno, a menos que se conheça quem o fez e sua história.

Para tanto, o procedimento metodológico aplicado para a realização é uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, por meio de livros. Autores como Domingues (2012), Iavelberg (2013), Oliveira (2014), Silva (2012), entre outros, fornecerão subsídios teóricos para analisar e discutir a problemática abordada no artigo científico acadêmico. A base desta pesquisa é direcionada aos profissionais que lecionam nas Instituições de Educação Infantil e se interessam por esta área de estudo.

### *Psicopedagogia*

A psicopedagogia surgiu com o intuito de curar os problemas de aprendizagem que, inicialmente, por falta de conhecimentos e estudos na área, eram atribuídos a fatores

orgânicos do indivíduo. De acordo com Oliveira (2014, p. 19), “[...] é de suma importância que se compreenda a psicopedagogia como área que desenvolve seus estudos, [...] para entender de forma cada vez mais precisa o processo de aquisição do conhecimento pelo ser humano”. Nesse sentido, com o passar do tempo e o aprimoramento desta nova área de atuação, passou-se a perceber que tais problemas na aprendizagem estavam relacionados a um processo amplo, que envolve diversos fatores e não apenas o aluno.

Segundo Oliveira (2014, p. 17):

Como área de estudo, a psicopedagogia aprofunda seus aportes teóricos e técnicos com o objetivo de possibilitar aos estudiosos do processo de aprendizagem uma visão ampliada da relação ao sujeito cognoscente, que, no decorrer de sua história busca constantemente apropriar-se de um conhecimento.

Diante dos dizeres da autora supracitada, durante este processo de investigação sobre como o sujeito se apropria dos conhecimentos, é possível identificar fatores que podem causar certas disfunções de aprendizagem. Entre eles a relação aluno e professor, aluno e demais alunos, aluno com a família, entre outros. Isso se reflete na escola, nas atividades e nos processos de ensino-aprendizagem que podem não acontecer de maneira satisfatória.

Com a evolução e as novas pesquisas na área a psicopedagogia, novos olhares e perspectivas surgiram, passou-se, então, a perceber que o trato com essas dificuldades de aprendizagem não deveria ser somente curativo, mas algo que auxiliasse a prevenção. Como os fatores orgânicos apresentavam-se satisfatórios, durante as investigações, começou-se a investigar quais poderiam ser as causas dessas dificuldades. Assim, a psicopedagogia dividiu-se em duas áreas de atuação: clínica e institucional.

### *Psicopedagogia Clínica e Institucional*

Quando a psicopedagogia surgiu, sua maior preocupação era tratar, solucionar a falta e o porquê da não aprendizagem. Neste caminho, a primeira reação da família quando percebia que a criança não aprendia era buscar ajuda médica.

De acordo com Bossa (2007 *apud* SILVA 2012, p. 21), “[...] a concepção organicista sobre a dificuldade ou problema de aprendizagem pode ser facilmente constatada em vários trabalhos que tratam da questão, como distúrbios, cuja causa geralmente é atribuída a uma

disfunção do sistema nervoso central”. Em consoante a autora, durante muito tempo, as dificuldades de aprendizagem foram atribuídas a fatores orgânicos do indivíduo. Acreditava-se que as causas eram problemas neurológicos que não podiam ser detectados em exames. O que se pretendia era diminuir as diferenças para que todos estivessem no mesmo nível de desenvolvimento.

Com o passar do tempo, começou-se a configurar uma nova visão sobre as dificuldades de aprendizagem, segundo Silva (2012, p. 22), “[...] o enfoque passou, então, a ser a visão sociopolítica, na qual o problema de aprendizagem passa a ser entendido enquanto problema de ensino”. Assim, passou-se a observar que a não aprendizagem poderia ser causada por fatores externos, que poderiam ser no âmbito escolar, social e familiar.

Segundo Bossa (2007 *apud* SILVA 2012, p. 53, grifo da autora):

[...] toda investigação e intervenção que busca compreender o significado, a causa e a modalidade de aprendizagem do sujeito, com intenção de sanar suas dificuldades. A marca diferencial entre psicopedagogo e outros profissionais, na perspectiva da autora, consiste no foco de ‘que seu foco é o vetor da aprendizagem, assim como o neurologista prioriza o aspecto orgânico; o psicólogo, a ‘psique’; o pedagogo, o conteúdo escolar’.

Sendo assim, diante da explicação da autora mencionada, percebe-se que o psicopedagogo clínico busca ensinar a aprender por meio de diagnóstico, investigação e intervenção. Seu trabalho segue um curso que compreende o aluno em sua totalidade, suas relações sociais, seu meio, os profissionais que o atendem e sua família. Busca-se por intermédio do psicopedagogo clínico o tratamento, a solução para os distúrbios de aprendizagem, normalmente, essas intervenções acontecem em consultórios e individualmente. Entretanto, em ambientes como hospitais, creches e centros de reabilitação o atendimento pode ser em grupo.

Segundo Bossa (2007 *apud* SILVA 2012, p. 54), o trabalho clínico acontece “[...] na relação entre um sujeito com sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem, buscando compreender a mensagem do outro sujeito, implica no não aprender”, por isso o psicopedagogo clínico deve compreender os processos de aprendizagem a fim de promovê-lo da melhor maneira.

Por outro lado, há a atuação da psicopedagogia institucional, que pensa em maneiras de evitar, prevenir que essas dificuldades de aprendizagem se acentuem. Ela se dá dentro de instituições escolares e no processo de formação de professores e da equipe escolar, na

tentativa de evitar o aumento do fracasso escolar, conduzindo para que haja efetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme Oliveira (2014, p. 30):

Voltado às instituições que constituem o sujeito como aquele que busca conhecimento com ações mais preventivas do que remediativas, o psicopedagogo transforma a atenção individual em grupal, considerando a gama de relações e direcionando seu olhar para o todo e concebendo a realidade por inteiro. As questões individuais devem ser pensadas em relação ao contexto em que são produzidas e as relações que são estabelecidas.

Portanto, como afirma a autora, o psicopedagogo institucional deve estar atento a todos os indícios de que algo não está dando certo. Seja por parte das metodologias do professor, da equipe pedagógica, de disfunções cognitivas ou das relações estabelecidas com os demais. De modo geral, deve-se estar sempre alerta para que a ação seja realmente preventiva, e não curativa.

A atuação psicopedagógica institucional, segundo Oliveira (2014, p. 33), “possibilita a compreensão dos processos associados à aprendizagem de uma cultura e às dinâmicas interativas presentes na instituição [...]”. Algumas das funções do psicopedagogo institucional são detectar os distúrbios que levam a não aprendizagem, acompanhar a dinâmica escolar do aluno para auxiliá-lo no processo de interação com os demais, favorecer os processos de orientações metodológicas, entre outros. Suas ações devem ser voltadas para diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem, tratar os problemas e transtornos de aprendizagem já instalados.

### *Fases do Desenho*

O desenho é uma atividade presente na vida das crianças, estejam elas frequentando ou não a escola. Conforme Domingues *et al.* (2012, p. 99), “[...] por se tratar de uma atividade tão rotineira, o desenho nem sempre recebeu o mérito científico para ser objeto de estudos sendo considerado, muitas vezes, apenas como uma prática natural comum às crianças”. Na rotina escolar, costuma-se utilizar desta técnica, não somente em disciplina específicas, mas praticamente em todas as outras. Na etapa da Educação Infantil, principalmente, já que as crianças ainda não possuem o domínio da escrita, as primeiras atividades escolares geralmente

são desenhos, às vezes, prontos somente para colorir ou uma folha em branco para que a criança crie.

Segundo Wechsler e Nakano (2012, p. 07):

A criança, quando desenha, expressa a sua percepção, imaginação e sentimentos sobre o mundo que a rodeia. É uma forma livre de expressão, precedendo à escrita e a leitura, sendo encontrada em todos os níveis socioeconômicos e culturais. Assim sendo, a compreensão do grafismo infantil nos fornece preciosas informações sobre o desenvolvimento cognitivo e psicomotor infantil, seu potencial criativo e interações afetivas e sociais.

De acordo com a afirmação das autoras, é necessário que os profissionais se aprofundem neste mundo dos desenhos para que aprendam interpretá-los e utilizá-los como ferramenta de trabalho. Ainda segundo as autoras Wechsler e Nakano (2012, p. 08), o desenho “[...] trata-se de uma técnica psicológica bastante eficaz quando contextualizada no histórico de vida da criança, sua família, escola e demais elementos do seu mundo”, exigindo do psicopedagogo formação, leituras e conhecimento das ferramentas necessárias para que se possa fazer essa interpretação com precisão. A construção de um desenho tem grande potencial no desempenho de procedimentos psicopedagógicos, pois pode indicar diversos fatores que influenciam determinados comportamentos e dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Oliveira (1978 *apud* NUNES *et al.*, 2012, p. 17), propõe-se uma classificação para o grafismo infantil:

a) garatuja ou rabiscagem: correspondem ao desenho executado por crianças de até dois anos de idade, dividida em dois momentos – realismo fortuito (faz linhas, mas não tem consciência disso) e o realismo incompleto, que seria dos dois aos três anos de idade; b) realismo intelectual: dos quatro aos doze anos, a criança já reproduz de forma deliberada e consciente; c) realismo visual: a partir dos doze anos, a criança já é capaz de apresentar perspectiva de desenho.

Em concordância com a autora supracitada, os desenhos passam por um processo progressivo de desenvolvimento, de acordo com a idade da criança. Faz-se necessário conhecer estas etapas para, assim, poder avaliar um desenho, se seu grafismo confere com a idade, para, então, verificar a coerência dos desenhos.

Desde muito cedo já se pode utilizar o desenho em atividades, é uma técnica que se reproduz sem pressão ou exigências como em outras avaliações. Diante desta técnica existem

inúmeros testes que podem ser feitos com os alunos, a fim de avaliá-los e interpretar seus desenhos na busca de um diagnóstico sobre suas dificuldades de aprendizagem. Esses testes podem ser utilizados por psicopedagogos clínicos e institucionais que usam o desenho no âmbito institucional como uma prática livre ou em atividades pedagógicas e também no âmbito clínico com a técnica de provas projetivas. Entretanto, toda atividade deve ser monitorada por quem irá utilizá-la, seja para diagnóstico ou avaliação.

Segundo Domingues *et al.* (2012, p. 98),

[...] o grafismo somente é possível em função de uma representação cognitiva anterior a ele. Em outras palavras, ao se desenhar um círculo para representar o sol, existe um pensamento anterior a sua execução, na sua forma, no que ele significa, em como desenhá-lo, bem como de sua imagem e cores, planejando como representá-lo da melhor maneira para que seja reconhecido por outras pessoas. O desenho é, portanto, o produto de um complexo processo cognitivo e deste modo a análise desse produto permite também avaliar por extensão o processo que o criou.

Como relata a autora citada, o desenho passa por um processo cognitivo e é esse processo que precisa ser avaliado e investigado. Não se deve considerar a estética do desenho como item primordial, assim como sua perfeição ou imperfeição, mas os caminhos cognitivos que levaram a determinado resultado, o processo pelo qual o pensar sobre o que era necessário desenhar passou. Como as ideias se organizaram para que o que foi solicitado ganhasse forma no papel.

Klepsch e Logie (1984 *apud* NUNES *et al.*, 2012 p. 19) afirmam que

[...] os desenhos são valiosos, pois, especialmente, em crianças muito pequenas, com linguagem limitada, o material permite a averiguação mais profunda em qualquer aspecto que se deseja examinar; os desenhos possibilitam explorar as profundidades interiores de uma pessoa e revelar algumas informações íntimas que, de outro modo, são inacessíveis.

Assim como asseguram os autores acima mencionados, o desenho tem uma real importância no âmbito psicopedagógico e deve-se atentar a alguns detalhes durante sua interpretação, como orientação espacial, uso das cores, dimensões do desenho, criatividade, coordenação, entre outros. Sendo assim, o desenho serve para entender o pensamento do pensamento, como o sujeito pensa para construir. Por meio desta observação, chegamos ao foco da intervenção, que é compreender os processos, os caminhos que o pensamento percorre para chegar a uma aprendizagem.

Entretanto, um fator que deve ser considerado é que não se pode comparar um aluno com outro, nem julgar um desenho esteticamente. A partir do que foi apresentado pelo aluno, deve-se oferecer meios para construção do conhecimento que se pretende ensinar, na busca por auxiliá-lo e não o julgando.

### *Desenho como Instrumento Psicopedagógico*

A psicopedagogia tem por objetivo buscar a explicação do porquê da não aprendizagem, quais os fatores que influenciam e como proceder para que o aluno consiga aprender. Para isso, este profissional faz uso de diversos materiais e técnicas que o auxiliam no processo tanto de diagnóstico como no tratamento.

Entre os vários materiais, como jogos, brincadeiras, observação, intervenção, orientação, também temos o desenho que é a forma mais antiga de expressão humana. De acordo com Iavelberg (2013, p. 08), “O interesse pelo desenho infantil e sua valorização são recentes na história do ensino”, no entanto, sabe-se que desde as cavernas já existiam registros das situações e vivências que aconteciam naquela época. O desenho antecede a escrita e por isso traz consigo muitas informações que de outra maneira talvez não pudesse ser expresso.

Segundo Iavelberg (2013, p. 15),

[...] ao desenhar, a criança passa por diferentes momentos conceituais que representam a gênese das aprendizagens em desenho, construída a partir das suas experiências, tanto fora quanto dentro da escola. Essa experiência não é alienada das imagens que se veem e da educação que se recebe, e propicia a criança condições para construir ideias sobre o que é desenho, o que pode aparecer no desenho e para que serve desenhar.

Assim, diante dos dizeres da autora, ao desenhar a criança representa sua realidade, fatores que a influenciam e aprendizados já adquiridos. Os desenhos podem ser utilizados e interpretados por profissionais capacitados, que conheçam as teorias que embasam a interpretação de desenhos, como é o caso de psicopedagogos.

Sobre o desenho, a autora Pereira (2009, p. 25) acrescenta dizendo que “[...] os alunos frequentemente se utilizam dele em diferentes situações: fazendo grafismos em seus cadernos, como maneira de registrar uma aula, criando cartazes, personagens, histórias em quadrinhos, entre outros usos”. Atualmente, existem vários estudos acerca do desenho que comprovam sua eficiência nos diagnósticos psicopedagógicos, pois pode ser aplicado a partir da Educação



Infantil até a vida adulta; é uma atividade de baixo custo tendo em vista que o material necessário é uma folha de papel e lápis; é uma atividade que não preocupa quem irá realizá-la, pois pode-se considerar comum e rotineira e o relato é oral ou escrito, o que tranquiliza o aluno.

Um dos testes que pode ser considerado na avaliação do desenho, conforme os autores Nogueira e Leal (2013), como diagnóstico psicopedagógico, são as Provas Projetivas que buscam compreender os caminhos que o pensamento percorre, para, assim, buscar maneiras, métodos e materiais que permitam ao aluno superar as dificuldades de aprendizagem.

Conforme Nogueira e Leal (2013, p. 157, grifo dos autores):

O desenho é analisado em relação ao GRAFISMO (traços, tamanho dos sujeitos e em relação aos objetos, posição da folha, detalhes, objetos incluídos na cena etc.), em relação aos VÍNCULOS COM O CONHECIMENTO e com o outro (aquele que lhe ensina, por exemplo), analisando como o sujeito se percebe em situações de aprendizagem e os vínculos afetivos e cognitivos que desenvolve em relação a essas situações, além dos VÍNCULOS AFETIVOS que representa em relação a família, assim como sua MATURIDADE COGNITIVA, OS ASPECTOS MOTORES e ECONÔMICOS E SOCIOCULTURAIS envolvidos nas cenas.

De acordo com os autores supracitados, as Provas Projetivas possibilitam analisar os três principais eixos que envolvem o aluno: a escola, a família e consigo mesmo, assim permitindo que se tenha uma visão completa das relações estabelecidas na vida do sujeito.

Segundo Menezes, Moré e Cruz (2008 *apud* NAKANO, 2012, p. 68):

[...] o desenho caracteriza-se como um instrumento de medida de fenômenos psicológicos que, além de permitir a representação gráfica dos pensamentos e sentimentos infantis, constitui-se também como uma forma de comunicação humana tanto no campo da intervenção, como no da pesquisa em diferentes contextos.

Assim, diante dos dizeres dos autores acima citados, o desenho permite a exploração de pensamentos e sentimentos muitas vezes não expressos no cotidiano do aluno, seja criança ou adulto. Na educação infantil, foco do presente estudo, as representações por meio do desenho surgem voluntariamente e trazem muitas informações que de outra maneira não poderiam ser observadas, pois a fala, ainda, não é totalmente formada, o vocabulário é limitado e a criança ainda não sabe escrever.

Entretanto, mesmo o desenho sendo algo que pode ser voluntário e espontâneo do aluno, quando utilizado por profissionais psicopedagogos, deve ser direcionado e orientado conforme as necessidades observadas e deve ser acompanhado para que não haja outras influências no diagnóstico.

Segundo Pereira (2009, p. 18),

Ao desenhar, a criança parte de imagens mentais e transforma na linguagem artística do desenho. Portanto, o desenho não é somente imagem mental ou ação sobre o papel, mas a relação entre as duas instâncias. A criança pensa e tem de transformar o pensamento em determinada forma gráfica.

De acordo com a autora, expressar-se é inerente ao ser humano, portanto, ao desenhar o sujeito faz um exercício de pensamento, que deve ser não analisado somente como um grafismo, mas como uma linguagem, uma escrita que exprime marcas, sentimentos, emoções e dificuldades de quem o fez. Mostra as vivências e relações do indivíduo consigo mesmo, com o meio em que vive, com a família, colegas e professores.

## CONCLUSÃO

Sabe-se que o desenho é uma atividade presente no dia a dia dos estudantes, pois é uma prática pedagógica utilizada por muitos professores. Isso motivou o presente estudo, pois uma prática considerada tão comum deve ser observada com maior atenção a fim de torná-la uma ferramenta avaliativa do processo de ensino-aprendizagem. Para tal estudo, fez-se necessário conhecer um pouco mais a fundo alguns estudos acerca da psicopedagogia e suas duas áreas de atuação: a clínica e a institucional, o desenho e as fases pela qual o processo de desenhar passa; para, então, buscar responder à situação-problema da pesquisa que era a seguinte: como a análise do desenho pode auxiliar no diagnóstico de dificuldades de aprendizagem?

Inicialmente, realizou-se uma breve apresentação da Psicopedagogia como área de atuação, fazendo uma sucinta contextualização de quais as necessidades que levaram ao surgimento desta nova área de estudos e suas duas vertentes: a psicopedagogia clínica e a institucional, indicando quais as especificidades e competências de cada uma dessas especializações e apresentando suas diferenças como área de atuação profissional.

Em seguida, foi descrita, rapidamente, a importância do desenho na vida escolar e quais as etapas do desenvolvimento do desenho, considerando a idade de quem o fez. Outro

fator de destaque foi a necessidade de que o desenho deve ser acompanhado durante sua produção e desenvolvimento. Todo esse conhecimento se faz necessário, para, por fim, entender como é possível utilizá-lo e as maneiras de interpretá-lo no processo de diagnóstico psicopedagógico.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, constatou-se que existem testes direcionados que se utilizam do desenho e de seus relatos para indicar fatores externos que geram as dificuldades de aprendizagem. Tais testes podem ser aplicados em alunos desde a Educação Infantil até a vida adulta, permitindo observar como se dá o processo de pensamento do indivíduo, o que leva a entender onde se acentuam as dificuldades e os bloqueios na aprendizagem.

As leituras realizadas acerca da temática, tendo em vista que se trata de uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, possibilitaram concluir que o desenho pode e deve ser utilizado por psicopedagogos. As dificuldades de aprendizagem podem sim ser causadas por problemas neurológicos e cognitivos do aluno, mas os estudos mais recentes apontam que as causas podem variar, atribuindo, também, os distúrbios às relações do aluno com a família, escola, amigos e ao meio social onde está inserido.

Infere-se, então, que o desenho como instrumento psicopedagógico possibilita compreender os caminhos que a criança percorre em seu pensamento, para concretizar o que foi solicitado no papel. É nesse trajeto que se pode perceber onde ocorrem as maiores dificuldades de aprendizagem e, nesse sentido, o desenho pode auxiliar o diagnóstico psicopedagógico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOMINGUES, Simone Ferreira da Silva. *et al.* As técnicas gráficas na avaliação cognitiva e da organização visomotora. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Orgs.). **O desenho infantil**: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhores Momentos, 2013.
- NAKANO, Tatiana de Cássia. O desenho na expressão criativa: teste de criatividade figural infantil. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Orgs.). **O desenho infantil**: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

NOGUEIRA, Makeline Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Psicopedagogia clínica**: caminhos teóricos e práticos. Curitiba: InterSaberes, 2013.

NUNES, Maria Lucia Tiellet. *et al.* O desenho da figura humana: uma perspectiva histórica. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T, C. (Orgs.). **O desenho infantil**: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Psicopedagogia**: a instituição educacional em foco. Curitiba: InterSaberes, 2014.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Katia Cilene da. **Introdução á psicopedagogia**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

WECHSLER, S. M.; NAKANO, T, C. (Orgs.). **O desenho infantil**: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

Recebido em 08 de março de 2017.

Aprovado em 28 de março de 2017.